

NA

PERIFA

SÃO PAULO SEXTA-FEIRA, 1º DE OUTUBRO DE 2021

expressonaperifa.com.br

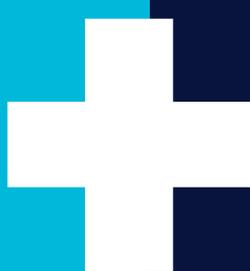
INFÂNCIA

LUGAR DE CRIANÇA É NA RUA?

Deveria ser, para o bem do livre brincar e do desenvolvimento humano. Mas essa liberdade, amparada em boa infraestrutura, segurança e uma relação saudável com o entorno, é negada aos moradores das periferias

PÁGs. 4 a 5





O debate rasteiro tende a colocá-los em confronto com interesses da população. “Mas será que são inconciliáveis os **direitos humanos** e a segurança pública, a atividade policial e os anseios individuais?”, pergunta Joel Luiz da Costa, coordenador executivo do Instituto Defesa da População Negra e colunista do **Expresso na Perifa**

QUEM SÃO E O QUE ESCREVEM

NOSSOS COLUNISTAS

O **Expresso na Perifa** publica análises e reflexões de pessoas engajadas na construção de uma sociedade mais justa. Empenhadas em agir, informar e propor soluções para a realidade periférica do Brasil, essas autoras e esses autores compartilham ideias e enriquecem o debate. Leia em expressonaperifa.com.br

BARKUS EDUCACIONAL

Educação financeira não é privilégio de gente rica e aproxima a população de uma sociedade mais justa

Fundada em 2016 por Bia Santos, administradora, e Marden Rodrigues, economista – ambos formados na Universidade Federal do Rio de Janeiro –, a Barkus Educacional democratiza o acesso à educação financeira no Brasil. Desde o surgimento, a startup já apoiou 45 mil pessoas, entre crianças, adolescentes, jovens adultos, pais, mães, avós, tios, professores. Gente de todas as classes, raças, gêneros e sexualidades. Mais de 80% desse público não precisou tirar nem um real do bolso para aprender, porque a maioria das atividades era gratuita. Até o fim deste 2021, a Barkus pretende levar conhecimento a 235 mil brasileiros, apoiando a população na melhoria da qualidade de vida e fazendo com que o alto índice de inadimplência e a falta de conhecimentos financeiros fiquem para trás, dando lugar a uma sociedade mais justa para todos e todas.



“É mais uma oportunidade de compartilhar sobre finanças de maneira calorosa, leve, divertida, papo reto e sem neuras. Dinheiro não precisa ser um bicho de sete cabeças”
Bianca Santos, CEO da Barkus

Bia Santos e Marden Rodrigues, da Barkus Educacional. A startup de educação financeira publica coluna quinzenal no **Estadão Expresso na Perifa**

GERANDO FALCÕES

A solidariedade é um combustível de transformação; o investimento social não é bom mocismo: é estratégia

Edu Lyra nasceu na favela. Morava num barraco e dormia numa banheira. O pai, envolvido com o crime, foi preso. Sua mãe dizia: “Não importa de onde você vem, e sim pra onde você vai”. Edu foi em frente e, ao lado de três amigos (Amanda Boliarini, Le maestro e Mayara), fundou a organização Gerando Falcões,

em Poá (SP). A empreitada se transformou num ecossistema de desenvolvimento social que engloba mais de 700 favelas em todo o Brasil e impacta positivamente 50 mil pessoas.

O foco está na eficiência em gestão, na escala, no uso de tecnologia e no treinamento de líderes. A habilidade de captar recursos mo-

biliza centenas de cidadãos como doadores, além de empresas e indivíduos que dão apoio aos programas sociais. O objetivo é que um dia “a pobreza da favela vá parar no museu”. No **Expresso na Perifa**, Edu e outros integrantes da rede compartilham experiência e conhecimento, quinzenalmente.

Edu Lyra, fundador e CEO do ecossistema social Gerando Falcões.

A ideia é transformar a pobreza da favela em peça de museu

Demolir um projeto de exclusão e desigualdade tem um custo alto, mas vale a pena. Investimento social não é bom mocismo, é estratégia
Edu Lyra, fundador e CEO da Rede Gerando Falcões

Racismo não é exceção. É resultado da normalidade da vida socioeconômica brasileira pós-escravismo, afirma Joel Luiz Costa

Quando dizemos que o racismo é estrutural queremos dizer que, se tudo acontecer dentro de uma normalidade, o resultado vai, sim, ser racista

Joel Luiz Costa, advogado e coordenador executivo do Instituto Defesa da População Negra (IDPN)

JOEL LUIZ COSTA

O debate sobre a utilização e a defesa dos direitos humanos tem de ser apropriado pelas favelas e periferias

Joel Luiz Costa é advogado da favela do Jacarezinho, defensor dos direitos humanos, cofundador e coordenador executivo do Instituto Defesa da População Negra (IDPN), uma instituição que trabalha por equidade racial nas carreiras jurídicas e pela defesa da população negra. Em sua primeira coluna para o **Expresso na Perifa**, Joel afirma que o judiciário brasileiro é um castelo da branquitude e cita uma pesquisa de perfil sociodemográfico dos magistrados brasileiros: em um universo de 18 mil juízes e juízas, 80% se auto-declaram brancos. “A subrepresentatividade impressio-

na — e envergonha”, escreve. “Temos um sistema prisional que reflete a mesma realidade sob outro ponto de vista: 65% da população prisional do Brasil é negra. Na região Sudeste, onde a população negra é 42% do total, os negros são 72% do contingente carcerário (...)”. No texto seguinte, vem a pergunta: “por que devemos defender os direitos humanos?” E a resposta: “porque eles são a garantia de uma vida digna e não, ao contrário do que muita gente pensa, ‘privilegio de bandido’”. Que venha o próximo questionamento (e mais substrato para o debate e a ação).

Uma parte da equipe do Nós, Mulheres da Periferia. Da esquerda para a direita, Jéssica Moreira, Lívia Lima, Mayara Penina, Regiany Silva, Semayat Oliveira e, ao centro, Bianca Pedrina



NÓS, MULHERES DA PERIFERIA

Com a palavra, uma redação jornalística de mulheres periféricas e seus olhares para os temas que são importantes no Brasil e no mundo

“Nós, Mulheres da Periferia, transitamos e entendemos que esse espaço que carregamos em nosso nome é mais do que geografia, é ser e carregar essa vivência em todos os lugares. É mostrar nosso jeito de ver o mundo”, diz Bianca Pedrina, cofundadora e gestora do coletivo jornalístico Nós, Mulheres da Periferia. “Falamos de gênero, raça e território, porque consideramos que essas interseções, por vezes ignoradas por veículos da grande mídia, são

fundamentais para as histórias que contamos.” As reflexões propostas por Bianca, e publicadas quinzenalmente no expressonaperifa.com.br, são um convite à resistência e à desconstrução do lugar-comum. “Se você nasceu na periferia, é porque um sistema te colocou ali. E se você está ali, é porque não é merecedor de direitos. Esse sistema empurrou o pobre para a periferia, mas fez da gente um corpo-espaço que nos acompanha onde quer que estejamos.”

“Quando as crianças são sabotadas nesse processo [de brincar], as consequências são amadurecimento precoce, timidez, dificuldade de relacionamento e prejuízos nas funções motoras e cognitivas”, diz Everton Mendes, psicólogo e especialista em questões étnico-raciais

INFÂNCIA

BRINCADEIRA É COISA SÉRIA

Neste mês de outubro, em que é celebrado no Brasil o Dia das Crianças, o Estadão Expresso na Perifa conversou com crianças, famílias e especialistas para entender como é o brincar nas periferias

EDUARDA NUNES, DO FAVELA EM PAUTA, E JUCA GUIMARÃES

Anna tem 7 anos e mora em Peixinhos, um bairro de Olinda, na região metropolitana de Pernambuco. Não fosse o medo da violência sentido por sua mãe, a educadora social Gal Ribeiro, a criança cresceria brincando livremente nas ruas da comunidade. Gal tem 25 anos e quando era pequena presenciou e viveu abusos e violações por parte de policiais – a falta de confiança na instituição a acompanha até hoje e influencia a criação de sua filha.

O contato de Anna com outras crianças se dá principalmente nos projetos sociais dos quais participa, ao lado da mãe, e que são oferecidos por organizações da sociedade civil, a exemplo do Centro Cultural

Cambinda Estrela e do Grupo de Apoio Mútuo Pé no Chão, que fazem o papel do Estado ao oferecer acesso à cidade, ao lazer e à cultura. Essas organizações atuam há mais de 20 anos proporcionando referências de dança, música e cultura afro-brasileira para crianças, adolescentes e seus familiares, ressignificando também o espaço urbano. Pedagoga e educadora social, Rafaela Gomes conta que além da interação com as atividades de arte e educação que os espaços oferecem, existe também uma dinâmica de cuidado entre as crianças. “Elas veem como a gente (adultos) cuida delas e vão reproduzindo entre si. Ajeita o cabelo, a roupa, pergunta se tomou água.”

Outras cenas da periferia — A professora Graciele Santos de Andrade, 35 anos, tem quatro filhos com idades entre 9 e 14. A família vive no Jardim Felicidade, zona norte de São Paulo. “A gente sente falta de hospital, praças e parques para as crianças. O que fica mais perto está no Jaçanã e precisa pegar ônibus para chegar”, diz. São 15 minutos de viagem.

“Falta uma pracinha cheia de brinquedos e uma livraria”, afirma Bruno, filho mais novo de Graciele. No meu bairro, o que eu não gosto são as brigas, as ladeiras e ter que pegar ônibus”, diz o menino. Ele frequentou creche e Escola Municipal de Educação Infantil (Emei), mas não tem muita experiência do livre brincar por causa da falta de estrutura.

Poeta e ativista da cultura em Guarulhos, na região metropolitana de São Paulo, Alex Faixas mora no bairro Jardim Palmira e é testemunha há 36 anos da infraestrutura deficitária para a primeira infância. “Precisava ter praças mais limpas e iluminadas, com bases da polícia e espaços públicos para projetos culturais”, diz. Um de seus filhos, Gustavo Carvalho, de 9 anos, lembra que aos 6 não podia ir à praça. “Gostava de jogar bola e andar de bicicleta, mas tinha uns meninos que usavam drogas. Então a gente não podia brincar”, conta o garoto.

Bairro saudável, futuro possível

Insegurança social sabota a primeira infância

O Núcleo Ciência pela Infância (NCPI) publicou em 2020 o estudo O Bairro e o Desenvolvimento Integral na Primeira Infância. O NCPI é formado um conjunto de organizações que trabalha no fortalecimento de políticas públicas, programas e práticas para melhorar a qualidade de vida de crianças pequenas, sobretudo as que estão em situação de vulnerabilidade. Veja alguns destaques da pesquisa.

27,3% das crianças brasileiras de até 6 anos vivem em domicílios em situação de pobreza

60% foi o crescimento do número de domicílios em favelas entre 2010 e 2019

13,6 milhões é o número de pessoas que vivem em favelas no Brasil

Fonte: dados de 2019 do NCPI

DESENVOLVIMENTO INFANTIL INTEGRAL É a evolução da criança encarada de forma ampla e através de seus vários domínios interdependentes: aspectos cognitivo, sensório-motor, socioemocional e físico

CONTEXTO

• A primeira infância é a fase da vida em que acontecem transformações neurológicas fundamentais

• Experiências positivas nesse período auxiliam no desenvolvimento físico, psicológico, intelectual e social da criança

• A situação socioeconômica do bairro afeta diretamente o desenvolvimento integral infantil, sendo que, quanto mais baixo o nível socioeconômico, maior é o prejuízo para o desenvolvimento das crianças

• Grandes cidades apresentam poluição, trânsito, menor oferta de espaços ao ar livre, altas taxas de violência e menos contato direto com a natureza

CONCLUSÕES

• Boas condições de moradia e infraestrutura levam a um desenvolvimento infantil integral mais saudável

• É preciso investir em ambientes acolhedores, receptivos e seguros. Espaços assim oferecem condições de explorar o entorno por meio de brincadeiras e de aprender a se relacionar com os outros e com o mundo

A mudança de direção para evitar um futuro trágico, alerta o especialista, precisa ocorrer na chamada primeira infância (dos 0 aos 6 anos). Nessa fase, e não só, a relação saudável e dinâmica com o bairro é muito importante. Se a qualidade pedagógica e educativa do ambiente em que a criança está inserida é boa, seu repertório de possibilidades para a vida adulta é ampliado positivamente.

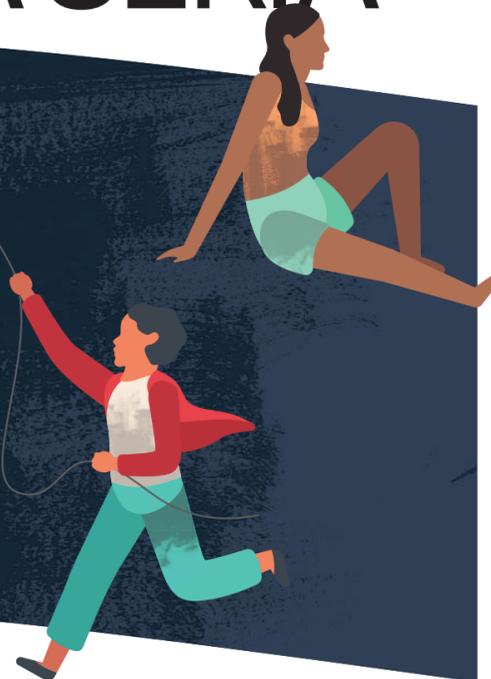
Por outro lado, a proximidade de crime e violência faz com que muitos indivíduos, na adolescência, enxerguem esse tipo de coisa como opção. “Aumentar espaços públicos com teatro, dança, saraus, esporte, informática, moda e literatura autoriza as crianças a buscar caminhos diferentes dos que estão postos”, diz Mendes.

“A atividade principal de uma criança é brincar”, diz o psicólogo Everton Mendes, especialista em questões étnico-raciais e criador do projeto Pluriversais, que elabora estudos e oficinas sobre paternidade, família, masculinidade e afrocentralidade. Mendes explica que durante as brincadeiras as crianças desenvolvem autonomia, respeito, entendimento de regras e de socialização, bases para as competências no futuro. “Quando as crianças são sabotadas nesse processo, as consequências são amadurecimento precoce, timidez, dificuldade de relacionamento e prejuízos nas funções motoras e cognitivas.”

Além da primeira infância —

Unesco, Unicef e ONU são alguns dos organismos internacionais que historicamente ressaltam a importância de fortalecer famílias e comunidades para melhorar as oportunidades de desenvolvimento de crianças em situação de vulnerabilidade — crianças que vivem em um cenário de pobreza e são afetadas por crescimento urbano exacerbado e desigualdades.

O prejuízo para a infância e a vida adulta, causado pela ausência de atuação do poder público na assistência básica e nos investimentos em ambientes lúdicos e seguros, não é pequeno.



Você já parou para pensar, por exemplo, que o nome das vias públicas homenageia, em sua maioria, homens? Só em São Paulo isso acontece em 84% das ruas. E o estudo 'Mulheres e seus deslocamentos na cidade: uma análise da Pesquisa Origem e Destino do Metrô', feito em 2020 pela Prefeitura de São Paulo, demonstra que elas representam 53,1% da população e fazem mais viagens (50,6%) que os homens por meio do transporte coletivo ou a pé — ou uma combinação dos dois —, e as principais motivações são, além de trabalho, compromissos com educação e saúde.

Um sistema todo desigual

Mesmo sendo responsáveis pela maioria dos deslocamentos, as mulheres são as que mais lidam com desafios diários: ainda falta muito para que as cidades sejam estruturas mais femininas, em campos como segurança, acessibilidade e mobilidade, entre outros.

“Em menor número na política, o público feminino enfrenta desigualdades, resultado da falta de representatividade na construção das políticas públicas em várias esferas: nas vias públicas, dentro do sistema de transporte coletivo e entre outros espaços”, avalia Carine Roos, socióloga especializada em diversidade e inclusão, CEO e fundadora da Nawa Consultoria.

A especialista revela que, ao contrapor as necessidades de grupos minorizados — pessoas com deficiência, população negra, periférica e outros — ao desenho atual das cidades, a situação é ainda pior. “Por isso, a participação feminina é positiva para toda a sociedade, pois o olhar delas já é naturalmente voltado para essas questões.”

De olho na agenda pública

Além de conquistar direitos e uma inclusão mais paritária da mulher para transformar as cidades, Carine reforça a importância do olhar vigilante nos direitos adquiridos. “O contexto político

Cidades mais femininas aprimoram a sociedade

Criação de espaços mais inclusivos e voltados às necessidades das mulheres demonstra a importância de uma maior participação desse público na construção de políticas públicas



Divulgação

A campanha "Por Cidades Mais Femininas", da 99, reforça a vivência das mulheres, sem medo, em todos os deslocamentos, horários e lugares

nos afeta diretamente, com muito menos verba para saúde e proteção femininas, como Delegacias das Mulheres, por exemplo”, acrescenta. “É um campo para a retirada de direitos.”

De acordo com Carine, as empresas têm um papel fundamental, com ações positivas (como ex-

tenção da licença-paternidade, por exemplo) e pressionando governos para o avanço dessa agenda.

Sem medo de pertencer à cidade

A 99, plataforma de tecnologia e mobilidade urbana com mais de 20 milhões de usuários em cerca

de 2 mil municípios do Brasil, por exemplo, já possui várias iniciativas voltadas às mulheres, motoristas parceiras e passageiras.

Como parte do projeto “99 Mais Mulheres”, a campanha “Por Cidades Mais Femininas” contará com várias ações para reforçar essa luta diária para ocupar esses espaços e pertencer a eles, além de se deslocar sem medo, em qualquer horário, lugar ou meio de transporte.

Por meio de parceria com o Projeto Justiceiras — rede de apoio que orienta de forma gratuita e online mulheres em situação de vulnerabilidade e violência —, a 99 disponibiliza um botão em seu app para a comunicação direta com as Justiceiras, para usuárias ou não da plataforma. Em 2020, a empresa subsidiou 20 mil corridas (até R\$ 20) com destino às Delegacias da Mulher e, neste ano, já são 44 mil viagens gratuitas. Para conhecer todas as ações da empresa voltadas às mulheres, acesse <https://99app.com/maismulheres>.



Arquivo Pessoal

Carine Roos: "O público feminino enfrenta desigualdades nas vias públicas, no transporte coletivo e demais espaços"

Para acessar outros conteúdos, aponte a câmera do celular para este QR code:



**Já percebeu
que poucas ruas
homenageiam
mulheres?**

Por cidades
mais femininas,
a **99** criou diversas
iniciativas.

Rafaela Scarpa, 23 anos,
artista, psicóloga e passageira 99.



Saiba mais em
**99app.com/
maismulheres**



**Se cuida,
vai de 99.**

“Eu acredito que o ser humano foi programado para o conhecimento. Se ele não busca o conhecimento, ele nega sua humanidade”
 Maria Vilani, escritora e educadora

JUCA GUIMARÃES

O Grajaú já esteve condenado à condição de bairro-dormitório, mas a determinação de moradores, sobretudo mulheres e mães, fez surgir uma impressionante diversidade a partir dos anos de 1970. Hoje, esse bairro da zona sul de São Paulo concentra uma profusão de rodas de samba, sa-raus, companhias de teatro, oficinas de arte e coletivos culturais e de educação. A transformação em berço cultural se confunde com a história de uma moradora. É a educadora cearense Maria Vilani Cavalcante Gomes, de 71 anos, idealizadora do Café Filosófico do Grajaú.

“No final dos anos 70, havia o movimento de mulheres que fazia a articulação cultural e que passei a integrar em 1984”, conta Maria. Nessa época de retomada democrática, surgiam feiras culturais e de poesia que a escritora frequentava com entusiasmo. Em 1989, decidiu retomar os estudos e seguir na luta por espaços culturais no bairro. Formou-se no ensino médio, aliás, na mesma turma de um de seus cinco filhos, o músico Criolo. Virou professora.

A batalha por espaços de conhecimento e expressão no Grajaú se fortalecia. Em 1990, Maria Vilani criou o Centro de Artes e Promoção Social (Caps), dentro de sua própria casa, para promover a filosofia, o pensamento humanista e as artes em geral. A inspiração veio de uma feira de escritores independentes da região de Santo Amaro. “Agente não tinha espaço para cultura, mas tinha muita gente envolvida com cultura. Hoje estamos muito bem assistidos”, afirma.

Assim, Maria Vilani juntou a condução do Caps ao trabalho noturno de professora, às res-



FELIPE GABRIEL

QUEM SOMOS

APRESENTA E REPRESENTA

A educadora e poeta Maria Vilani faz revolução com filosofia e cultura no Grajaú. Ela chegou do Ceará nos anos 1970, criou cinco filhos, estudou e, junto a outras mulheres, mudou a cara do bairro

ponsabilidades de casa e à criação dos cinco filhos, além das participações em eventos que ocorriam na avenida Paulista ou em Pinheiros, como a extensão do curso de filosofia clínica. “A distância entre Grajaú e Pinheiros era muito grande e eu não podia participar de todos os cafés filosóficos”, diz Maria, que em 2009 converteu a experiência em ação local e concre-

ta: o primeiro Café Filosófico no Grajaú, idealizado por ela, ocorreu em abril de 2009, na antiga Casa de Cultura Palhaço Carequinha. Agora o espaço tem o nome de Centro Cultural do Grajaú e recentemente recebeu um painel gigante com o rosto de Maria Vilani. O trabalho foi feito pelo artista plástico Mauro Neri, também do Grajaú. Para a professora,

trata-se de uma homenagem a todas as mulheres e educadoras que lutam pela cultura no bairro. Nos últimos 12 anos, os encontros e desdobramentos do Café Filosófico da dona Maria Vilani resultaram em centenas de rodas de conversas, eventos culturais, cursos, oficinas e projetos que também são fonte de renda e ajudam a desenvolver a economia local.

MEMÓRIA DO GRAJAÚ

A poeta, professora e filósofa cearense Maria Vilani veio do Ceará para São Paulo, no começo dos anos 70, com “uma trouxa de roupas e uma mala de livros”, sentindo “muita fome de conhecimento” e em busca de dias melhores. Foi assim que a escritora resumiu a chegada, durante um programa exibido pelo Canal Futura.

Ela morou na zona leste e depois foi para o Grajaú, em 1975. “O ônibus da Viação Sete de Setembro só ia até uma parte do bairro. Quem morava mais afastado usava carroça, bicicleta ou ia a pé por ruas de terra”, diz a educadora. Havia muito mato e uma escola feita de lata.

As opções públicas de cultura e lazer ficavam em Santo Amaro, a quase dez quilômetros de distância. “Como tinha muito barro, era costume ir com dois calçados. Um no pé e outro na bolsa ou sacola, para poder trocar”, conta. Os orelhões que abrigavam telefones públicos eram raros. “Uma rua tinha e outras oito não. Nas casas, só chegou telefone no final dos anos 80. E eram caros.”